

# HERPETOLOGIA BRASILEIRA

ISSN: 2316-4670

Volume 7 - Número 3 - Outubro de 2018





## PRÊMIO BERTHA LUTZ

Por ASG Brasil  
(Amphibian Specialist Group/IUCN SSC)

**Bertha Maria Julia Lutz (1894-1976)**

Em coerência com nosso princípio de Incluir, durante o I ANFoCO: Simpósio Brasileiro de Conservação de Anfíbios (veja página 77 acima), o ASG Brasil e seus parceiros ofereceram o prêmio Bertha Lutz em homenagem a um grupo forte e importantíssimo no cenário do estudo de anfíbios no Brasil, mas que ainda encontra-se em minoria: as mulheres. Ressaltando as dificuldades encontradas nas relações de gênero em uma sociedade patriarcal, verificamos uma sub-representação das mulheres nas premiações e, conseqüentemente, no reconhecimento de seu trabalho. Com isso, buscamos favorecer o equilíbrio dos gêneros no cenário da herpetologia brasileira, incentivando a entrada de cada vez mais mulheres nesta importante área.

Além de uma referência na pesquisa com anfíbios no Brasil, tanto pela qualidade quanto pelo pioneirismo de seu trabalho, Bertha Lutz foi uma importante figura no movimento feminista brasileiro e inspirou a criação deste Prêmio.

A escolha das homenageadas foi feita pelo Comitê Organizador do ANFoCO, considerando produção científica, projetos de pesquisa e orientação, formação de alunos e atuação em políticas públicas em áreas direta ou indiretamente relacionadas à conservação de anfíbios. Nesta

primeira edição do Prêmio Bertha Lutz, selecionamos 13 mulheres cujo trabalho tem sido a base para a conservação de anfíbios no Brasil.

A cerimônia de premiação aconteceu durante o ANFoCO, no final da tarde do dia 05 de agosto de 2018, na Fundação Parque Zoológico de São Paulo, com a apresentação de um breve perfil de cada uma das homenageadas e a entrega do certificado de premiação.

Para que todos tenham a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre as nossas homenageadas, divulgamos nessa sessão especial da revista Herpetologia Brasileira uma entrevista sobre o trabalho e a carreira de cada uma delas. Esperamos que as histórias de vida e acadêmica dessas renomadas pesquisadoras inspirem e incentivem todas as novas alunas, entusiastas, estudantes e professoras a seguirem uma carreira tão importante. O ASG Brasil agradece a valorosa contribuição destas fantásticas mulheres à conservação de anfíbios no Brasil!!

**Albertina Pimentel Lima**

Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia

*Como foi o início da sua carreira e quais as principais motivações para trabalhar com os anfíbios?*

O início de qualquer carreira foi difícil, especialmente no meu caso, vindo de escolas públicas do Norte do Brasil. Como todos sabem, as escolas públicas na Região

Norte são muito precárias e deficientes. Para entenderem o nível, eu só descobri que havia uma profissão de Bióloga quando conheci Bill Magnusson em 1980. Até então, eu não sabia que poderia andar na mata e observar os animais e ainda ser paga para fazer isso.

*Quais foram as principais conquistas da sua carreira? Qual é o seu trabalho que considera mais importante?*

O mais difícil foi passar no vestibular para Biologia, eu não tinha base e tive que estudar muito para conseguir. Depois que entrei foi fácil, pois tinha uma sede enorme de conhecimento na área de Biologia. É difícil eleger um trabalho específico, pois todos foram fruto de minha curiosidade ou de parcerias maravilhosas que fiz ao longo da minha carreira.

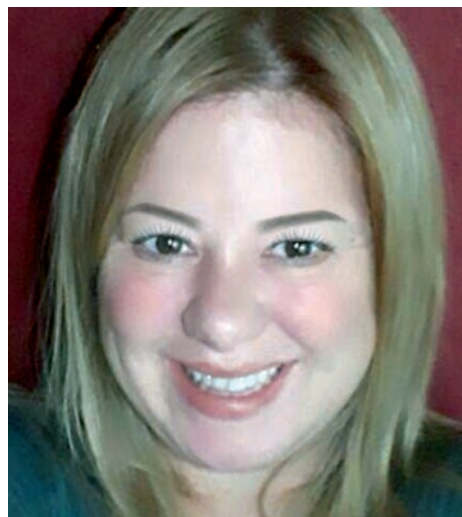
*Quais foram os principais desafios? Ser mulher fez alguma diferença com relação a eles?*

No meu caso, o principal desafio foi aprender inglês, que por ter um grau de dislexia até hoje tenho dificuldades. Ser mulher me ajudou muito no tipo de estudo que faço, pois sempre fui melhor que qualquer homem que conheço nas observações de campo e na percepção de padrões. E essa minha habilidade de amazonense fez meus colaboradores e assistentes homens, me respeitarem, admirarem e colaborarem com os estudos mais difíceis, em locais remotos e perigosos no interior da Amazônia. Acho que meus assistentes de campo, nunca me viram como mulher, mas como chefe, amiga e parceira.

*Que experiência, dica ou conselho você gostaria de passar para aqueles que estão começando a estudar os anfíbios, principalmente para as mulheres?*

Os Anfíbios, segundo um morador do interior da Amazônia, são os brinquedos de Deus. Segundo ele, Deus criou os Sapos depois que 'tava cansado de criar o mundo. Ele criou essas criaturas incríveis para brincar, e por isso, fez muitos e de muitas formas e cores. Foi a história mais linda que já ouvi sobre os Anfíbios. Por isso, nós mulheres devemos apreciar

esses brinquedos de Deus, e ir ao campo para aprender a brincar. Nada é mais relaxante e intrigante que estar no meio da mata em uma poça com muitos anuros cantando!



**Cinthia Aguirre Brasileiro**  
Universidade Federal de São Paulo

*Como foi o início da sua carreira e quais as principais motivações para trabalhar com os anfíbios?*

Desde o primeiro ano da graduação fiz estágios na Zoologia. Comecei na biologia marinha e no segundo ano, após ler um trabalho do Prof. Ivan Sazima que tratava da população de jararacas da Mata da Santa Genebra em Campinas, eu decidi que era aquilo que eu gostaria de fazer. Xeroquei o artigo (coisa de “herpetólogo vintage”) e levei para uma reunião que eu havia marcado com o Prof. Jorge Jim. Na reunião, mostrei o artigo e disse que queria trabalhar com cobras no campo. Ele me explicou que trabalhos como aquele eram feitos em lugares especiais como Santa Genebra (uma ilha de mata em uma cidade onde a densidade de jararacas era maior) e propôs que eu fizesse um trabalho em cativeiro com cobras. Eu aceitei a proposta, e ainda comecei a ajudar os alunos da pós-graduação nos seus campos com anfíbios (nunca havia pegado um sapo antes disto). Nas férias daquele ano, fiz um estágio no Instituto Butantan, e foi muitíssimo proveitoso e até hoje lembro dos detalhes. No

entanto, assim que voltei para Botucatu, decidi que queria um trabalho em campo e fiz um projeto para estudar a comunidade de anfíbios em uma poça permanente próximo da UNESP. Convenci o prof. Jim a enviar um pedido uma bolsa de IC para o CNPq. Consegui! Para quem conheceu o Jim, sabe o quanto fui insistente e convincente para ele aceitar. Nunca mais deixei os anfíbios.

*Quais foram as principais conquistas da sua carreira? Qual é o seu trabalho que considera mais importante?*

A minha principal conquista foi não ter desistido e sempre ter seguido em frente para ter emprego na Universidade Pública. Eu fiz graduação e mestrado na década de 90, quando praticamente não existia financiamento para a pesquisa e haviam pouquíssimos cursos de pós-graduação. Mesmo assim, sempre soube onde gostaria de chegar. Fui conquistando minha carreira passo-a-passo. Eu queria muito fazer o Mestrado na UNICAMP, e fiz. Depois veio o doutorado na USP, mais uma conquista. Depois, o pós-doutorado no exterior. Cada passo foi uma conquista depois de muita batalha. Sem as bolsas de estudo, eu não estaria onde cheguei. Hoje vejo cada passo como uma conquista, antes parecia apenas o caminho correto a percorrer.

É difícil escolher um trabalho que considero mais importante. Acredito que os trabalhos publicados pelos meus orientados são muito importantes pois vejo que contribuí efetivamente para a educação e pesquisa no Brasil. E os alunos tem publicado em revistas de alto impacto, o que é melhor ainda. Dos meus trabalhos, não vou indicá-los por impacto da revista em que foram publicados, mas pelas consequências geradas por contribuição destes trabalhos:

- Amphibians of the Cerrado of Itirapina Ecological Station, Southeastern Brazil (Brasileiro *et al.*, 2005) foi um dos primeiros estudos sobre a fauna de Cerrado feito fora da área core. É um dos meus trabalhos mais citados.
- Anurans, Northern Tocantins River Basin, Tocantins and Maranhão States Northern Brazil (Brasileiro *et al.*, 2008). Este trabalho foi feito com

dados coletados por mim e os co-autores em consultorias e também foi um dos primeiros, senão o primeiro, para a região do Tocantins-Maranhão. Acredito que tenha sido importante para iniciar o interesse pela região, ou pelo menos para que os pesquisadores tivessem um ponto de partida

- As descrições das duas espécies de *Ololygon* (*O. peixotoi* e *O. faivovich*) e do *Cycloramphus faustoi*. Além da importância da descrição das espécies *per se*, estes trabalhos aumentaram o interesse de pesquisadores pelas ilhas, e também foram e são ainda influenciadores de políticas públicas.
- Variation in Genetic Structure of an Atlantic Coastal Forest Frog Reveals Regional Differences in Habitat Stability’ (Fitzpatrick *et al.*, 2009). Este foi um dos primeiros trabalhos sobre filogeografia de anfíbios da Mata Atlântica e muito importante para começarmos a contar a história da diversificação dos organismos no bioma.

*Quais foram os principais desafios? Ser mulher fez alguma diferença com relação a eles?*

Quando olho para minha história, vejo que sempre fui muito determinada no que eu queria e assim, não prestava muito atenção se estava enfrentando desafios. Eu cumpria a “obrigação” para cada objetivo. Mas a carreira sempre tem desafios. O primeiro deles foi na iniciação científica. Eu não tinha carro e fazia o trabalho próximo da UNESP (cerca de 2 km). Para voltar para casa eu pegava o ônibus urbano que saía da UNESP às 23:40h. Muitas vezes entrei no ônibus molhada, de bota e com lanterna. Fui para o campo uma vez por semana, sem faltar, durante um ano.

No entanto, o maior desafio foi trabalhar em ilhas. Precisei de muita paciência e calma para convencer cada “dono” de ilha a nos deixar trabalhar, convencer cada barqueiro a nos levar para a ilha e nos buscar à noite (para as ilhas mais próximas). As idas e vindas das ilhas nem sempre foram em mar tranquilo. E trabalhar nas ilhas mais distantes sempre foi complicado (hoje melhorou muito). Alcatrazes era um pesadelo; não pela ilha, ou pelos animais, mas pela burocracia. Muitas vezes quis desistir. Eu tive um projeto

aprovado pela Biodiversitas/CI para estudar *Ololygon alcatraz*. Neste período a ilha foi queimada duas vezes pelo treinamento da Marinha. Após uma destas queimadas, a Marinha não queria nos deixar ir para a ilha. Falei com muitos comandantes até que chegar ao Vice-Almirante (patente mais alta em São Paulo). Ele me atendeu muito bem, compreendeu meu projeto e dali em diante não tive mais nenhum problema. No entanto, este projeto foi uma virada pessoal pela minha timidez. Perdi muito na vida por ter sido muito tímida (sei que alguns esqueceram ou não acreditam na minha timidez) e ter que falar com tanta gente (marinheiros, fuzileiros, comandantes, caixas, mateiros) foi imprescindível para eu aprender esconder a timidez e conseguir o meu objetivo.

Para as mulheres interessadas em anfíbios, o campo noturno sempre será um desafio. Fui assediada por ajudantes de campo, mas consegui sair ilesa após as tentativas. Além do assédio sexual, o assédio moral sempre esteve (inclusive atualmente) à espreita. A solução é estar sempre atenta e impedir sempre que perceber.

*Que experiência, dica ou conselho você gostaria de passar para aqueles que estão começando a estudar os anfíbios, principalmente para as mulheres?*

Além da dedicação ao estudo, ser responsável e não esquecer nenhum aspecto ético, sempre aconselho meus alunos e alunas a ter uma grande “rede de colegas” (networking). Se você mantém a ética e o respeito aos colegas a rede é montada automaticamente. Com uma rede forte, sempre que precisar você receberá informações confiáveis sobre qualquer necessidade (áreas e espécies, legislação, entre outros). Esta rede também poderá te oferecer ou indicar um emprego. Outro conselho que dou é sempre “ser e dar o exemplo”. Se você não fizer o seu melhor, não poderá cobrar o melhor do outro.

Em especial, para as mulheres, infelizmente nosso país ainda é machista. Assim, temos que ser sempre atentas. Sei que somos consideradas “esquisitas” por entrar em brejos à noite para procurar SAPOS, mas ainda assim somos mulheres. Especialmente nos trabalhos de campo para lugares e com desconhecidos (mateiros, motoristas), redobre a atenção

e tenha muito cuidado com seu comportamento e até mesmo com as suas roupas. Trabalhamos à noite, então todo cuidado é pouco. No entanto, se você gosta muito do que faz, e chega do campo cantando e dançando de alegria (não é fantasia, mas realidade) estes são problemas secundários que você certamente tira de letra.



### **Christine Strussmann**

*Universidade Federal de Mato Grosso*

*Como foi o início da sua carreira e quais as principais motivações para trabalhar com os anfíbios?*

Quando estudante de graduação em Medicina Veterinária na UFRGS, no início dos anos 80, tive meu primeiro contato com o mundo da herpetologia, por intermédio do Prof. Thales de Lema, que ministrou para minha turma algumas aulas sobre serpentes peçonhentas. Na época, o Prof. Thales estava vinculado ao Museu Rio-Grandense de Ciências Naturais, depois Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (FZB), cuja extinção foi agora oficializada pelo governo do estado. A triste notícia do fechamento definitivo da FZB levou também uma parte da minha história, ao mesmo tempo em que me trouxe boas lembranças: as primeiras excursões herpetológicas como voluntária da FZB, a

primeira coleção de anfíbios que conheci e que mais tarde pude examinar, a primeira biblioteca de livros e revistas científicas, as primeiras separatas com descrições originais de anuros do Rio Grande do Sul e o precioso exemplar do livro “Brazilian Species of Hyla” que ganhei de Pedro Canísio Braun. Na época, Pedro Braun e sua esposa, Cristina Braun, conduziam ativamente pesquisas com anfíbios do meu estado natal. Da minha primeira excursão para coletas herpetológicas, em São Francisco de Paula, lembro de dois momentos marcantes: o primeiro anfíbio encontrado – um espécime de *Elachistocleis bicolor*, bichinho apaixonante – e o fato de que, para encontrá-lo, desmanchamos boa parte de um muro de pedras quase centenário, algo impensável – e talvez inafiançável – nos dias de hoje. Outro acontecimento que contribuiu muito para que eu me envolvesse com a herpetologia foi um estágio realizado no último semestre do curso de graduação. Na época, 1982, com mais seis colegas viajamos em um avião do Correio Aéreo Nacional (CAN) de Porto Alegre ao outro extremo do país, para realizar um estágio de férias no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Meus colegas logo se encaixaram em grupos de pesquisa com peixe-boi, primatas e outros “fofobichos”, mas quando chegou a minha vez, não tive muita escolha: um cara com um sotaque carregado falou que eu podia escolher entre participar de um projeto com sapos ou outro com lagartos. Não teve jeito, de uma só tacada conheci Bill Magnusson, Albertina Lima, a paradisíaca Alter do Chão (à época, uma minúscula e pouco conhecida vila de pescadores junto à foz do Tapajós, Pará), os primeiros dendrobatídeos, a exuberante Amazônia. Pouco depois de formada, recebi convite para um trabalho no Pantanal, com capivaras. Foi nesta época que conheci o Prof. Ivan Sazima, que mais tarde veio a tornar-se meu orientador de mestrado na UNICAMP e por quem tenho a mais alta gratidão, reconhecimento e respeito profissional. Com ele aprendi, entre tantas outras coisas, uma nova linguagem – a científica, a fotografar sapos e a estudar, interpretar e descrever seus comportamentos, a estabelecer parcerias e colaborações científicas. O fato de que os primeiros herpetólogos que conheci realizavam suas pesquisas com sapos



e répteis sempre com grande paixão foi bastante motivador, mas acho que posso dizer que foi ali, na UNICAMP, depois de Ivan Sazima, que entrei veterinária e saí herpetóloga.

*Quais foram as principais conquistas da sua carreira? Qual é o seu trabalho que considera mais importante?*

Partilhar o respeito e a amizade de boa parte dos herpetólogos e de um grande número de estudantes do país é algo que me enche de orgulho e que prezo imensamente, e talvez possa considerar essa como minha maior conquista profissional. Da mesma forma como fui influenciada positivamente pelo entusiasmo e dedicação dos meus mestres no início de minha carreira, sei que contribuí e que continuo contribuindo para a formação profissional ética e responsável de novos herpetólogos.

*Quais foram os principais desafios? Ser mulher fez alguma diferença com relação a eles?*

A natureza dos desafios pessoais e profissionais para inserir-se no mercado de trabalho vem se modificando com o passar do tempo. Na época em que fiz o mestrado, isso por si só já era um desafio, tendo em vista a escassez de bons cursos, de vagas de orientadores e de bolsas de estudo. Atualmente, as maiores limitações estão na etapa que vem depois da obtenção de um título. Lembro do primeiro concurso em que me inscrevi, visando uma vaga como professora na universidade onde hoje leciono: o concurso era para professor adjunto, nenhum doutor se inscreveu e a vaga acabou não sendo preenchida. Hoje, uma vaga com perfil equivalente é disputada por algumas dezenas de concorrentes com elevada qualificação, homens e mulheres com currículo invejável e reconhecida capacidade técnica. Antes de ingressar no serviço público como professora universitária, minha principal ocupação profissional foi em trabalhos de consultoria ambiental. Ainda hoje, muitas herpetólogas mulheres se dedicam a este tipo de atividades em campo, durante as quais, muitas das vezes, é preciso abdicar de confortos urbanos e lidar ou até mesmo coordenar equipes formadas

principalmente por homens. Nessas condições, não lembro de alguma situação em que ser mulher tenha se constituído em um obstáculo ou dificuldade para obter os resultados que buscava ao ir para campo. Afinal, ninguém brinca com uma mulher com uma cobra ou um sapo na mão! A situação muda muito, no entanto, quando a “herpetóloga de campo” tem filho(s). Aí, mesmo o brejo mais animado não consegue prender cem por cento da nossa atenção. Lembro particularmente de um momento em que, durante a expedição científica AquaRAP Pantanal, de que muito me orgulho de ter participado, promovida pela Conservation International (CI) do Brasil com a finalidade de inventariar as espécies presentes em ecossistemas aquáticos na Bacia do Alto Paraguai e contribuir com a conservação da bacia, em dado momento consegui uma ligação para casa usando um aparelho celular Iridium (um tijolo quando comparado aos celulares modernos), sistema de telefonia via satélite lançado na década de 90. Após quase duas semanas do início da expedição, queria notícias do meu primeiro filho, então com cinco anos, que ficara em casa com uma babá de confiança. “Está tudo bem, mas... ele está com gripe... um pouco de diarreia... não quer comer e blá blá blá”. Para mim, era o fim de uma expedição glamorosa, cientificamente instigante e com direito a Globo Repórter: “por favor, veja uma forma de me levar para casa”, disse em prantos ao coordenador da expedição.

*Que experiência, dica ou conselho você gostaria de passar para aqueles que estão começando a estudar os anfíbios, principalmente para as mulheres?*

Acho que uma boa dica é a frase que ouvi repetidas vezes de minha amiga herpetóloga-de-mão-cheia, Tami Mott: “estudo: és tudo”. O quanto investimos em nossa formação e com que seriedade o fazemos faz toda a diferença. Buscar sempre o melhor: o melhor curso, o melhor orientador, o melhor laboratório, o melhor parceiro científico, a melhor revista, mas sem esquecer de nosso ativo mais valioso: a qualidade de nossas relações interpessoais.



**Cynthia Peralta de Almeida Prado**  
UNESP – Jaboticabal

*Como foi o início da sua carreira e quais as principais motivações para trabalhar com os anfíbios?*

Fiz graduação em Ciências Biológicas (Licenciatura), curso noturno, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em Campo Grande. Sempre gostei de animais e com 14 anos já havia decidido fazer Biologia, mas não fazia ideia de que área seguir. No meu primeiro ano de graduação, nossa professora de embriologia, Sueli, nos levou para a Base de Estudos do Pantanal (BEP – UFMS), às margens do Rio Miranda, para coletar desovas e estudar o desenvolvimento embrionário de anfíbios. Era mês de janeiro e o Pantanal estava alagado. Fiquei, simplesmente, encantada com todas as espécies de anuros vocalizando, e a adrenalina de andar pelos alagados a noite! Foi amor à primeira vista! Desde então, antes mesmo de cursar a disciplina de Zoologia, eu já coletava anuros por onde passava e os levava para o professor responsável pela disciplina de Vertebrados, Prof. Masao Uetanabaro. Observando meu interesse, ele me convidou para fazer iniciação científica. Por meio de uma bolsa PIBIC/CNPq, desenvolvi um projeto sobre a biologia reprodutiva de *Lysapsus limellum* (Pseudinae) no Pantanal. A partir daí, o caminho foi fazer

mestrado em Ecologia e Conservação, programa do qual fui aluna da primeira turma na UFMS, e doutorado em Zoologia na UNESP de Rio Claro – SP, sempre estudando os anuros do Pantanal sul. Meu orientador de mestrado foi o ecólogo Prof. Dr. Frederico Santos Lopes, e meu orientador de doutorado e supervisor de pós-doutorado foi o Prof. Dr. Célio F.B. Haddad. Desde a iniciação científica, o meu interesse foi estudar o comportamento e as estratégias reprodutivas em anuros.

*Quais foram as principais conquistas da sua carreira? Qual é o seu trabalho que considera mais importante?*

Difícil dizer. Cada etapa da carreira acadêmica foi uma conquista: o mestrado, doutorado, pós-doutorado, emprego na universidade pública. Cada etapa traz os seus desafios e dificuldades, o que me fez amadurecer como pessoa e pesquisadora. Mas, eu posso dizer que fui muito feliz no caminho que escolhi. Sempre tive o apoio da família e ótimos orientadores e colaboradores. Eu diria que a etapa mais desafiadora e estressante, até aqui, foi o concurso público para ser admitida como docente em uma instituição pública. No entanto, na atual conjuntura do país, de crise econômica e ataques à universidade pública, acho que tanto eu como outros colegas docentes e pesquisadores estamos atravessando um período muito desafiador em nossas carreiras. Sobre meus trabalhos, também difícil escolher. O artigo sobre a revisão dos modos reprodutivos em anuros, que publiquei na Bioscience em 2005, em parceria com Prof. Célio Haddad, é o mais reconhecido e citado entre os meus trabalhos. Muito me orgulho desse artigo, mas também tenho um carinho muito especial pelos meus trabalhos sobre comportamento reprodutivo em espécies de *Leptodactylus*. Esses trabalhos, publicados durante meu doutorado, guiaram quase todos os trabalhos feitos posteriormente e ainda são a coluna vertebral dos meus estudos atuais.

*Quais foram os principais desafios? Ser mulher fez alguma diferença com relação a eles?*

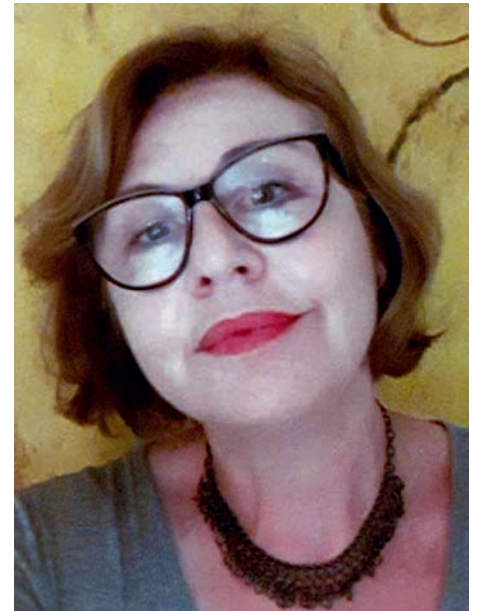
Para mim, uma estudante de biologia que se formou e realizou mestrado

distante das principais instituições de pesquisa do sul e sudeste, acho que o principal desafio foi persistir e buscar os pesquisadores reconhecidos na época para demonstrar minha vontade e capacidade para continuar na carreira acadêmica. Mas, como mencionei, eu tive o incentivo e apoio de muitos professores da graduação e mestrado, especialmente do Prof. Masao, que me apresentou aos seus amigos, Prof. Dr. Augusto Abe, da UNESP de Rio Claro, e o Prof. Dr. Ulisses Caramaschi, do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Foi o Prof. Augusto quem me apresentou ao Prof. Célio Haddad quando fui consultá-lo sobre a possibilidade de me orientar no doutorado. Não me recordo de ter tido dificuldades a mais por ser mulher. Sempre recebi apoio e incentivo por parte dos professores, homens e mulheres, e nunca senti que tenham posto em dúvida a minha capacidade. É verdade que, enquanto aluna, fui disfarçadamente assediada algumas vezes por professores, mas nossa educação machista me fez encarar isso com naturalidade e eu consegui me esquivar dessas situações. Também, em trabalhos de campo no Pantanal, eu e outras colegas evitávamos a proximidade com grupos de homens, moradores locais ou turistas, porque os assédios eram constantes. Infelizmente, abusos de toda sorte ainda acontecem nos dias atuais, porém, as mulheres estão mais conscientes e denunciam tais abusos.

*Que experiência, dica ou conselho você gostaria de passar para aqueles que estão começando a estudar os anfíbios, principalmente para as mulheres?*

Para os alunos iniciantes, tanto homens quanto mulheres, eu diria que, em primeiro lugar, é necessário ter paixão pelo que se faz. Os desafios, as dificuldades, crises, são recorrentes ao longo da carreira, mesmo depois de você ter uma carreira consolidada. Acho que isso vale para qualquer profissão. No caso da pesquisa e docência, para você ser bem sucedido, e aqui me refiro a ser feliz no seu trabalho, é necessário ser dedicado, persistente, curioso, ético e crítico, mas ao mesmo tempo, saber trabalhar em grupo, respeitar os colegas, aceitar críticas e ser humilde para reconhecer que estamos, sempre, buscando sanar a nossa

ignorância. E tudo isso se torna mais fácil, ou menos difícil, quando se tem paixão!



**Flora Acuña Juncá**

*Universidade Estadual de Feira de Santana*

*Como foi o início da sua carreira e quais as principais motivações para trabalhar com os anfíbios?*

Quando entrei na graduação, pensava em trabalhar com Vertebrados, e dava preferência a Aves ou Herpetofauna. Comecei como monitora do Prof. Mario de Vivo, nas aulas da disciplina de Vertebrados. Depois de um ano de formada, o Mario me indicou um professor que estava chegando em São Paulo, na USP, e que trabalhava com Herpetofauna. Aí conheci o Prof. Miguel Trefaut Rodrigues e comecei com um estágio em Manaus, no PDBFF, sob orientação do Miguel e da Bárbara Zimmerman. Desse estágio, saíram, mais tarde, o mestrado e doutorado.

*Quais foram as principais conquistas da sua carreira? Qual é o seu trabalho que considera mais importante?*

Ao longo de uma carreira acadêmica, os trabalhos importantes se refletem nas conquistas. Esses trabalhos normalmente são marcos e por isso são sempre lembrados. Por exemplo, trabalho de mestrado

e doutorado, trabalhos produzidos pelos primeiros projetos aprovados no CNPq, os primeiros orientados e assim por diante. Sempre coloco muito empenho em tudo que faço e os produtos, uns mais outros menos glamorosos, são conquistas das quais sinto satisfação e orgulho.

*Quais foram os principais desafios? Ser mulher fez alguma diferença com relação a eles?*

O mundo “fashion” da estatística e o número mágico amostral sempre foram meus maiores desafios... mas, brincadeiras à parte, a burocracia, para quem faz ciência no Brasil, se não é o desafio top, chega perto.

Ser mulher compreende uma série de desafios, que, nós mulheres, aprendemos a lidar logo cedo na vida. Os desafios que as mulheres da minha idade passaram no início da carreira e ao longo dela, foram tomando novas formas e, atualmente, se for colocar na balança, não saberia dizer se está mais leve ou não. Tive sorte na vida, pois minha mãe desafiou meu pai e disse que sim, eu iria sair de casa para poder estudar. Se não fosse por ela, hoje talvez minha situação seria muito diferente. Quantas mulheres, talvez mais talentosas e brilhantes, foram conduzidas a outro destino por falta de apoio? Atualmente, a depressão, que parece acometer mais mulheres que homens, tem tomado uma proporção relevante entre os alunos de graduação e pós-graduação. Tive alunas que se declararam com depressão no meio do mestrado. Complicado. Por outro lado, parece que tem uma nova geração de herpetólogas aí que vão fazer muita diferença neste país. Sou fã das herpetogirls! E tem muito mais nesse Brasil!

*Que experiência, dica ou conselho você gostaria de passar para aqueles que estão começando a estudar os anfíbios, principalmente para as mulheres?*

Lembrar sempre que estudar anfíbios é um privilégio! Não ter preconceitos com nada nem com ninguém e respeitar as limitações das pessoas, principalmente batracofóbicos (que não são poucos). Mulheres, brilhem!



**Gilda Vasconcellos Andrade**  
*Universidade Federal do Maranhão*

*Como foi o início da sua carreira e quais as principais motivações para trabalhar com os anfíbios?*

Meu sonho de criança era estudar comportamento animal em ambiente natural. Assim, em 1979 iniciei o bacharelado em Ciências Biológicas na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e no segundo período procurei estágio na zoologia. O professor Adão José Cardoso me apresentou os anfíbios, pelos quais me apaixonei. A beleza das espécies, poder chegar tão perto para observar o comportamento, os cantos, os modos de defesa e reprodução, tudo me atraiu.

Ao longo do estágio adquiri experiência de pesquisa e auxiliiei na organização e na ampliação da Coleção de Anfíbios (ZUEC), viajando principalmente para Minas Gerais. Como resultado, publiquei cinco artigos científicos versando sobre descrições de espécies de anuros incluindo girinos, levantamento de espécies, biologia e ecologia de anfíbios.

Ainda na graduação surgiu a minha segunda paixão, a ecologia, e segui para o mestrado, iniciando em 1983. Os cursos de campo e as viagens pelo Brasil, na graduação e pós-graduação foram fundamentais para a minha formação. Ainda sob a orientação do Adão, a dissertação incluiu ecologia larvária, praticamente desconhecida para a região neotropical.

Ao término do mestrado eu procurei o Dr. Woodruff W. Benson, não herpetólogo, mas entusiasta de trabalhos experimentais. Assim, continuei na UNICAMP ingressando no doutorado em 1987 sob nova orientação, para iniciar uma linha inédita no Brasil de trabalho ecológico experimental com girinos em poças artificiais. Em função da minha contratação na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em janeiro de 1988, foi necessária uma pausa no doutorado para o conhecimento dos anuros no Maranhão e das possíveis áreas de trabalho. Abro parênteses para a minha vida pessoal, para relatar que nesse período também ocorreram as duas melhores produções da minha vida, meus filhos, Bruno, nascido em 1989, e Ricardo, em 1993.

Voltando à minha contratação, em 1987 abriram concursos públicos para várias áreas no Departamento de Biologia da UFMA. Na ocasião eu e meu marido, Nivaldo, botânico, estávamos terminando o mestrado e procurando concursos em uma mesma Instituição. Nos inscrevemos e fomos aprovados. Foi um início muito estimulante, com todo o grupo recém-contratado atuante e empolgado por implantar as suas linhas de pesquisa e os seus laboratórios. Ao final de 1988 eu já estava envolvida com orientação, projetos de pesquisa, reforma curricular e outras atividades que se projetavam para os vários anos seguintes.

*Quais foram as principais conquistas da sua carreira? Qual é o seu trabalho que considera mais importante?*

Ao longo da minha carreira ocorreram importantes conquistas, resultantes de muito empenho pessoal e integradas com muitos colegas e estudantes. Destaco a formação de pessoal. Meus ex-alunos, hoje biólogos, mestres ou doutores, atuam em instituições diversas, especialmente no Maranhão, Piauí e Amapá. A desigualdade regional que temos no nosso país é imensa, e considero minha contribuição muito relevante na tentativa de diminuir as diferenças. As pessoas que eu ajudei a formar estão inseridas do ensino básico ao superior, nos diferentes órgãos ambientais, na esfera pública, não-governamental e privada.

Até os anos 2000 eu era a única herpetóloga em um raio de aproximadamente





1000 km. Eu investia em uma formação de qualidade e preparava e estimulava os estudantes para seguir para o mestrado fora do Maranhão, pois não havia pós-graduação em Biodiversidade. Conquistei infra-estrutura para pesquisas experimentais e integradas, e destaque os 50 tanques artificiais em área cercada e a sala para realização de experimentos controlados com girinos. Uma grande conquista, em uma Universidade em que muitos docentes nem sala tem!!! Junto com meus colegas, investimos muito na qualidade de ensino e pesquisa do nosso curso de graduação e na nossa própria capacitação. Dessa forma, conseguimos manter nossos alunos com uma ótima formação e, os que seguiam para pós-graduação ingressaram mesmo em programas muito competitivos. Conseguimos abrir o mestrado em Biodiversidade e Conservação em 2005, mas ainda faltava a formação local de doutores. Conquistamos parcialmente esta meta apenas em 2012, com a participação no programa da rede Bionorte (Rede de Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia Legal). Realmente é uma conquista ver meus ex-alunos espalhados e atuantes em toda essa região de tão baixo IDH, contribuindo para elevar o nível de educação, da qualidade ambiental e, muitos deles, do conhecimento e conservação da herpetofauna.

*Quais foram os principais desafios? Ser mulher fez alguma diferença com relação a eles?*

Ao longo do meu estágio na graduação, eu, paulistana típica que nunca tinha acampado, tive primeiramente que sobreviver ao primeiro acampamento com o Adão na primeira caçada de sapo. Ser mulher fez diferença? Acho que sim! Os rapazes que estavam com o Adão ficaram com tanta pena de mim e da outra menina, pois estávamos encharcadas após ter entrado no riacho para catar perereca, morrendo de frio na serra mineira, sem uma muda de roupa, sem cobertor na nossa barraca, que nos deram um cobertor extra que eles tinham. Assim, aprendi a acampar (e a caçar sapos).

Em relação às minhas escolhas, nunca me preocupei com o fato de ser mulher e se isso iria fazer diferença. Eu simplesmente sempre fiz o que eu quis fazer, o

que eu achava certo e o que eu gostava de fazer. Talvez pelo histórico familiar.

Quando eu cheguei no Maranhão, eu tinha vindo de um grande centro, onde eu tinha toda a infraestrutura para trabalhar, estava rodeada de colegas, professores, pesquisadores experientes para trocar ideias a qualquer momento. De repente eu não tinha especialistas na minha área para conversar, não tinha equipamentos, faltava bibliografia! Essa falta afetou muito minha produção, e o isolamento geográfico ocorreu em uma época em que não havia internet. Como é recente o Portal da Capes!!!

Quando eu cheguei eu não tinha laboratório e dividia uma sala com outros dois colegas. Mas fui me estabelecendo, conseguindo meus espaços. Senti mais problemas por ser de fora do que por ser mulher. Diziam aos meus alunos que eu voltaria para São Paulo, para que não iniciassem trabalhos comigo. Houve um caso em que tentaram me tirar da coordenação de um programa CAPES de tutoria de alunos por causa de licença maternidade, embora eu tivesse combinado com as alunas que eu manteria as atividades. Eu briguei para continuar, e consegui. Acho que o grande desafio realmente foi atravessar todos aqueles anos formando pessoal, mesmo nos períodos sem recursos e sem infra-estrutura.

*Que experiência, dica ou conselho você gostaria de passar para aqueles que estão começando a estudar os anfíbios, principalmente para as mulheres?*

Se estiver em um grande centro, ou próximo a ele, aproveite ao máximo. Não se acomode com a facilidade do pesquisador ao seu lado, pois um dia talvez você esteja em algum lugar em que não tenha ninguém tão perto para consultar.

Aprenda a integrar. Cada vez mais os estudos integrados são necessários e se complementam. Integrar não é juntar pedaços que cada um trabalha isoladamente. É importante o trabalho conjunto desde a concepção, discussão das ideias, de todo o delineamento.

Acredite no seu potencial e faça o que você gosta de fazer. Não descuide da segurança. Não ande sozinha(o) no campo. Se ainda não sabe, aprenda a dirigir, a nadar e a usar o Programa R.



**Luciana Barreto Nascimento**

*Museu de Ciências Naturais/PUC-Minas*

*Como foi o início da sua carreira e quais as principais motivações para trabalhar com os anfíbios?*

Graduei-me em Ciências Biológicas na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), em dezembro de 1983. Quando entrei na graduação tinha pavor de sapos, queria estudar dinossauros. Em uma aula prática de Citologia, o professor “me obrigou” a pegar em um sapo e foi a primeira vez que percebi que eles não eram tão “asquerosos” como sempre achei. Pelo contrário, achei muito tranquilo manipulá-los e observá-los. Assim, no terceiro período, depois de uma atividade de campo da disciplina de Zoologia de Cordados com o Prof. Geraldo Kistumacher (no Parque das Mangabeiras, em Belo Horizonte), em que pude observá-los no campo, decidi estudar anfíbios. A grande motivação para mim era que anfíbios permitem que você os observe facilmente em campo. Não são necessárias armadilhas ou redes para achá-los, apenas uma lanterna. Um bom ouvido também ajuda bastante, mas isto eu não tenho. Assim, mesmo sendo estimulada para trabalhar com serpentes pelo prof. Geraldo, não houve jeito, me decidi pelos anfíbios. Durante a minha graduação, tive através dele, ao participar de atividades de campo, a oportunidade de conhecer o meu



futuro orientador de mestrado e doutorado no Museu Nacional, Dr. Ulisses Caramaschi. Antes de ingressar no mestrado, tive que fazer um “pé-de-meia”, dando aulas nos ensinamentos fundamental e médio, porque naquela época era muito difícil obter uma bolsa. Ingressei no mestrado em 1987, também com o apoio da minha família, com o propósito de inventariar e determinar padrões de distribuição espacial e temporal de anfíbios anuros do Parque das Mangabeiras, em Belo Horizonte. No final do curso de mestrado, já estava ministrando aulas na PUC Minas e envolvida com a criação de uma coleção de herpetologia para o futuro Museu de Ciências Naturais (MCN). Por causa disto, só ingressei no doutorado em 1999, quando a criação do museu era uma realidade e não apenas um sonho. Nesta oportunidade, além de ter o Prof. Ulisses como orientador, tive a enorme honra de ter o Dr. Carlos Alberto Gonçalves da Cruz como coorientador. Naquele momento, como curadora de coleção, me enveredei para a taxonomia, com o objetivo de revisar os grupos de espécies do gênero *Physalaemus*. O maior desafio seria o volume de material a analisar, sendo que para algumas espécies havia pouco material disponível. Entretanto, sempre encarei os desafios como motivações, mas não seria possível superá-los se não fosse a ajuda dos meus orientadores, de colegas e amigos, da minha família. Eles fizeram da minha estada no Rio de Janeiro uma grande oportunidade de crescimento profissional e pessoal. Terminando o doutorado, ingressei como professora no curso de pós-graduação em Biologia de Vertebrados, mantendo a função de curadora da coleção de herpetologia do MCN na PUC Minas e professora da graduação.

*Quais foram as principais conquistas da sua carreira? Qual é o seu trabalho que considera mais importante?*

Minha grande conquista é poder fazer aquilo que gosto: estar dentro de sala de aula; contribuir de alguma forma para conservação de um grupo de vertebrados que tenho afinidade; fazer grandes amigos no meio profissional; produzir e divulgar conhecimento. Entretanto, se tivesse que enumerar uma conquista maior, seria ter contribuído para a criação, organização e desenvolvimento do Museu de Ciências

Naturais da PUC Minas. Todas as vezes que chego de manhã ao museu e vejo filas de crianças completamente eufóricas para ver dinossauros, baleia, preguiça gigante, falando sem parar, com os olhos brilhando, sinto realmente que fiz alguma coisa importante e isto faz valer todos os momentos de espera que passamos até ter o museu funcionando. Isto se completa quando algum pesquisador solicita algum material e podemos auxiliá-lo com empréstimo ou através de suas visitas. Sabemos hoje mais do que nunca qual a importância de museus e suas coleções. Os museus geram conhecimento, sentimentos, sonhos e estes ganham corpo através de imagens, sons, cores e formas. E o mais incrível: podem atingir todos os públicos. Poder participar disto, é um privilégio. Não acredito em um bom pesquisador, sem que este seja um bom educador. Assim, ajudar na formação de pessoas é também uma das minhas grandes conquistas. Talvez, tenha conseguido fazer isto bem, porque muitos dos meus ex alunos são grandes amigos hoje. Muitos deles me superaram, tanto como pesquisadora, quanto como educadora, e isto, com certeza, é uma grande conquista – abrir caminho para que outros realizem mais do que você.

*Quais foram os principais desafios? Ser mulher fez alguma diferença com relação a eles?*

Não foi fácil me formar como bióloga, tentar ser pesquisadora, estudando anfíbios, em um estado, e até mesmo um país, em que não eram comuns mulheres zoológicas na década de 80. As pessoas sempre olhavam de forma estranha quando eu falava o que fazia, mas não sei se mudou muito. Respondia perguntas comuns do tipo “para que isto serve”, “isto é capricho e não trabalho”, “gasta dinheiro com isto”. Mas sempre pareceram entender quando eu explicava, ou então fingiam.

Tive problemas com outras pessoas por questões financeiras para fazer o mestrado. Meu pai foi sempre um incentivador para que eu continuasse estudando, mas os recursos financeiros para me manter em outra cidade, sem bolsa, foram realmente um desafio para a nossa família, mas com o apoio dela, conseguimos nos virar. No doutorado foi mais fácil, pois a PUC Minas me auxiliou através do programa de Capacitação Docente. O grande desafio foi conciliar

as atividades do doutorado (aulas, atividades de campo, atividades de laboratório) com minhas atividades na universidade. Entretanto, pude contar com ajuda na realização de ambas. Tive problemas no campo por ser mulher, mas sei que a minha altura e a minha voz, também alta, ajudaram um pouquinho (rsrs...). Certa vez, no final das atividades de campo para o mestrado no Parque das Mangabeiras, eu e uma colega botânica, que me auxiliava na descrição das áreas de amostragem, fomos abordadas por um homem armado que nos manteve amarradas. Apesar de não ter expressado suas intenções, sabíamos o risco que corríamos. Felizmente, fomos mais espertas e conseguimos nos soltar e buscar ajuda, saindo desta sem nenhum arranhão. Na época, poucos acreditavam que pudéssemos ter sido espertas o suficiente para que nada acontecesse, porque outras mulheres tinham sido vítimas deste mesmo homem. Em outra ocasião, fui para campo com uma aluna e precisava chegar numa área particular para coletar anfíbios. Sem GPS, pois não era disponível na época, fomos aconselhadas a buscar ajuda em um escritório da empresa a qual pertencia a área. Fomos recebidas por um dos diretores que nos mandou retornar à “Belo Horizonte e ir fazer compras no shopping”, pois “o local não seria acessível para duas mulheres em um fusca”. Conclusão, com outras indicações, conseguimos ir, coletar e denunciar o tal diretor pela falta de préstimo ao serviço pelo qual tinha sido contratada. Entretanto, acredito que os demais desafios tenham sido os mesmos pelos quais muitos outros passaram. Sempre tive muita sorte: a de ter bons amigos, bons professores, bons orientadores, bons coordenadores, excelente família. Com isto, os desafios, que se figuram como tal no início, logo, logo, se dissiparam e passaram a serem estímulos.

*Que experiência, dica ou conselho você gostaria de passar para aqueles que estão começando a estudar os anfíbios, principalmente para as mulheres?*

Em qualquer carreira é preciso gostar do que se faz. Os anfíbios são animais surpreendentes e não é difícil se apaixonar por eles logo de início. Entretanto, sapos não são príncipes, ou seja, não são óbvios. O estudo de anfíbios, assim como qualquer outro exige dedicação, mas está

cheio de desafios. No campo trabalhamos a maior parte do tempo à noite, no laboratório também trabalhamos nos finais de semana. Precisamos nos organizar e, principalmente, focar, porque as exigências sobre nós são grandes. Existem estudos que demonstram isto. Nós mulheres somos maioria na graduação, mas não somos maioria com doutorado concluído. Temos ainda menos artigos publicados, menos bolsas de produtividade, menos projetos financiados. Nossa jornada de trabalho é dupla, independentemente se temos filhos ou não. Nossa capacidade como pesquisadoras constantemente é questionada. A situação mudou da época que comecei para a atual e, com certeza, somos todas responsáveis por esta mudança. Entretanto, o Brasil, e porque não o mundo, têm demonstrado sinais de retrocessos no sentido da nossa participação em todos os setores. Assim, temos que, mais do que nunca, fazer valer a nossa voz. Precisamos estar presentes em todas as instâncias, impondo nossa presença, mas de forma responsável e participativa. Nunca foi fácil fazer ciência neste país, nem como homem nem como mulher, mas temos provas que para nós o caminho sempre foi mais árduo. Mas, temos uma geração atual forte, e com muita capacidade de produção, de estudiosas de sapos. Espelhem-se nelas, mas criem os seus próprios caminhos. Novos caminhos levam a novos sonhos e, com eles, o desejo de superar desafios. Não esqueçam de Bertha Lutz, uma herpetóloga que lutou pelos direitos das mulheres em uma época em que isto seria inimaginável. Se hoje temos o direito de voto, de protesto, de fazer coisas “poucos comuns” como estudar sapos, devemos, em grande parte, à sua garra e determinação. Para fazer valer a nossa voz, temos que trazer à tona a Bertha que existe dentro de cada uma de nós e conquistar nosso espaço com sabedoria e, principalmente, com solidariedade umas com as outras. O que posso garantir é que independentemente das dificuldades, vale a pena. Momentos como este, de receber um prêmio com o nome dela, de ser reconhecida pelos seus pares, faz tudo parecer mais fácil. É gratificante, me honra muito e me faz crer que tomei o caminho certo. Os anfíbios precisam de mais mulheres dedicadas a compreendê-los e desvendar os mistérios que ainda

guardam em relação à sua biologia, morfologia, ecologia e evolução. Precisamos, para isto, de mulheres que valorizem mulheres e que estejam dispostas a muita dedicação e determinação.



### **Paula Cabral Eterovick**

*Pontifícia Univ. Católica de Minas Gerais*

*Como foi o início da sua carreira e quais as principais motivações para trabalhar com os anfíbios?*

Eu sempre gostei de qualquer assunto relacionado à vida silvestre (especialmente anfíbios) desde criança, mas tive pouca ou nenhuma orientação profissional. Apenas alguns meses antes do vestibular tomei conhecimento da profissão de biólogo e, imediatamente, soube que era exatamente o que eu queria. Já entrei na universidade sabendo que queria fazer pesquisa envolvendo anfíbios, e assim segui direto para o mestrado, doutorado e meu primeiro emprego, no qual estou até hoje.

*Quais foram as principais conquistas da sua carreira? Qual é o seu trabalho que considera mais importante?*

Seria difícil escolher um único trabalho, há vários que considero especiais por diferentes motivos. Cada um envolve

conquistas em termos de aprendizado, colaborações (que viram amizades), respostas... um evento que considero como marco na minha carreira foi o convite para “Plenary Speaker” no Congresso Mundial de Herpetologia na China (2016). Fiquei extremamente emocionada por tamanho reconhecimento e, coincidentemente, ou não, várias coisas maravilhosas se seguiram, incluindo convites para outras palestras, colaborações... e tudo me motiva ainda mais a tentar ser melhor.

*Quais foram os principais desafios? Ser mulher fez alguma diferença com relação a eles?*

O principal desafio para mim é conciliar tantas tarefas que fazem parte da vida de professora de pós-graduação, e ainda ter uma vida pessoal (o que fica incrivelmente mais difícil com crianças). Eu poderia citar isso como um desafio de ser mulher, mas as recompensas são tão maiores, que eu jamais pensaria nisso como algo negativo nem por um segundo. Eu amo ser mulher!

*Que experiência, dica ou conselho você gostaria de passar para aqueles que estão começando a estudar os anfíbios, principalmente para as mulheres?*

Meu conselho para futuros herpetólogos e herpetólogas: acreditem nos seus sonhos e lutem por eles! Fiquem longe de pessoas que tentem colocar vocês para baixo, algumas fazem isso até sem perceber. Homens e mulheres, somos diferentes biologicamente e somos produto de milhões de anos de evolução – isso não é ruim, é maravilhoso, pois ambos temos nossos pontos fortes e, unidos, nos completamos – afinal, evoluímos e sobrevivemos juntos. Devemos ser “iguais” sim, mas no que se refere ao respeito, assim como pessoas de todas as cores, de todas as orientações sexuais. Isso é o que falta no Brasil de hoje, onde nem mesmo as opiniões divergentes são respeitadas. Por isso, acreditem em vocês: cada um é especial do seu próprio jeito e cada um tem a oportunidade de usar esta vida para buscar seus próprios sonhos e respeitar os dos outros, porque ninguém fará isso por nós.







**Marília Teresinha Hartmann**

*Universidade Federal da Fronteira Sul  
– Erechim*

*Como foi o início da sua carreira e quais as principais motivações para trabalhar com os anfíbios?*

O início da minha carreira foi ainda na graduação, na Universidade Federal de Santa Maria, sob a orientação da prof. Sônia Cechin. Eu iniciei trabalhando com serpentes, mas já fazia coletas e identificação de anfíbios e tinha paixão por esse grupo. Estava dividida entre serpentes e anfíbios, e assim fui fazer mestrado com o prof. Marcio Martins, na época na UNESP, e fiquei cada vez mais encantada com a herpetologia. Fui estudar efetivamente anfíbios no doutorado, com o prof. Célio Haddad, e nunca mais parei de trabalhar com eles. Estudei anfíbios na Mata Atlântica, o lugar mais incrível para se conhecer anfíbios no Brasil (na minha opinião, claro), e pode-se dizer que foi amor ao primeiro campo. A riqueza de sons, cores e comportamentos me fascina até hoje.

*Quais foram as principais conquistas da sua carreira? Qual é o seu trabalho que considera mais importante?*

O meu trabalho mais importante foi um capítulo do doutorado, sobre comunicação visual em anfíbios na Mata Atlântica, fruto de muitas observações e conjecturas sobre esse comportamento em anfíbios. Provavelmente teria seguido nesta linha de estudos se a vida não tivesse

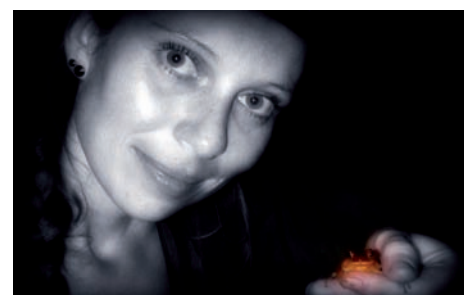
apontado outros desafios. Mas trabalhando no Rio Grande do Sul surgiram outras perguntas científicas que me levaram a mudar minha linha de pesquisa. Ao realizar estudos sobre biologia de anfíbios no Bioma Pampa e em remanescentes alterados da Mata Atlântica, foi possível perceber o quanto os anfíbios vêm sofrendo com os impactos ambientais e produção agrícola. As pesquisas ao longo dos anos aumentaram as questões sobre o impacto do uso intensivo da terra sobre os anfíbios, e levaram à constatação que existe a necessidade de desenvolver estudos para entender os impactos dos agrotóxicos utilizados na agricultura sobre as espécies. Por isso, mudei a linha de pesquisa para entender o impacto de agrotóxicos em anfíbios nativos e acho que essa foi a principal conquista na minha carreira: começar algo novo com anfíbios, pouco explorado no Brasil. Hoje temos vários artigos publicados, temos levado os resultados para congressos científicos, produzido dissertações de mestrado e TCCs, com vários estudos em andamento, cada vez descobrindo mais sobre os efeitos dos agrotóxicos sobre neste grupo.

*Quais foram os principais desafios? Ser mulher fez alguma diferença com relação a eles?*

O principal desafio ao longo dos anos foi fazer ciência em um país que pouco valoriza ciência. O laboratório de Ecologia e Conservação da UFFS foi montado do zero e as pesquisas iniciaram com o pouco que tínhamos disponível, comprando muita coisa com o dinheiro do próprio bolso. Se ser mulher fez diferença? Sim, fez e faz. Ir para o campo a noite sozinha é uma tarefa muito arriscada para uma mulher. Todas as saídas de campo para coleta e observação de anfíbios têm que ser muito bem planejadas, montando equipes de trabalho para manter a segurança. Também tiveram as “paradas técnicas” na pesquisa para a maternidade. Tenho um marido maravilhoso, que sempre esteve comigo, tanto na hora de ir para o campo, quanto na criação das nossas filhas. Mesmo assim, a pesquisa ficou em “stand by” durante a época de amamentação e cuidados com nossas pequenas. Nem imagino como seria se ele não fosse tão dedicado a nós.

*Que experiência, dica ou conselho você gostaria de passar para aqueles que estão começando a estudar os anfíbios, principalmente para as mulheres?*

Tenho muito mais mulheres do que homens sob minha orientação, e posso dizer que todos são incríveis. Mas, as meninas têm mais desafios a serem enfrentados. É preciso muita força de vontade e serenidade para seguir no caminho da pesquisa – e é extremamente gratificante. Nos caminhos que segui na minha carreira, raramente encontrei preconceito de gênero – pelo menos não o suficiente para que me prejudicasse. Assim, especificamente para as pesquisadoras, o único conselho é não deixar se abater – mas não se calar. Se a dificuldade for ir para o campo – organizem-se bem, se a dificuldade for machismo, unam-se a outras mulheres e façam-se ouvir, e se a dificuldade for conquista por uma vaga no mercado de trabalho – sejam melhores. Ninguém disse ou dirá que é fácil. Mas, por mais problemas que apareçam, vale a pena. Anfíbios são um grupo curioso, particularmente bonito com uma diversidade de questões a serem exploradas. E principalmente, precisam ser protegidos. São o alarme da crise da biodiversidade. Ser pesquisador é fazer diferença, um estudo por vez.



**Vivian Mara Uhlig**

*Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio*

*Como foi o início da sua carreira e quais as principais motivações para trabalhar com os anfíbios?*

Minha dedicação ao trabalho com os dados de ocorrência de anfíbios brasileiros é muito recente na minha carreira. Há 8

anos fui, como analista ambiental, removida para o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Répteis e Anfíbios – RAN, do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, para montar o Núcleo de Geoinformação (NGeo) do RAN, em que me deparei com a primeira etapa da avaliação nacional dos anfíbios acontecendo. Nas avaliações as espécies até então descritas são criteriosamente analisadas quanto ao seu risco de extinção e eu, apesar de ser bióloga, poucas vezes atuei diretamente com os anfíbios – exceto por coletas em áreas dos Planos de Ação Nacional para as espécies ameaçadas. Meu dia a dia não era com as vocalizações, nem lanternas de campo na testa, nem vidros de amostras... era com mapas, cálculos, remanescentes e compilação de dados de artigos publicados. Minha função era subsidiar com informações georreferenciadas a localização dos registros e a situação do habitat. Os pontos de registro são a base para todo o trabalho do Centro de Pesquisa, pois deles derivam os mapas de distribuição das espécies ameaçadas, as análises de impacto de empreendimentos, os recortes geográficos dos Planos de Ação Nacional para espécies ameaçadas, o embasamento para propostas de unidades de conservação e outras políticas públicas. Para atualizar os registros é necessária uma dedicação minuciosa e acesso a diversos artigos científicos e coleções, além do apoio voluntário dos herpetólogos de diversas instituições. Esse é um trabalho contínuo e ainda existem muitos pontos a serem corrigidos, mas tem sido um útil recurso para as avaliações nacionais, estaduais e regionais, funcionando para o estabelecimento de políticas públicas para a conservação das espécies de anfíbios ameaçadas.

Uma afinidade pessoal já me ligava aos anfíbios desde a infância, quando tive criação de girinos em casa, acompanhava o crescimento e reconhecia algumas vocalizações nos diferentes locais que visitava com a família no Paraná e Santa Catarina. Meus pais sempre nos levavam para visitar parques e reservas particulares em que os anfíbios acabavam se destacando na floresta atlântica. Em coletas de campo de Planos de Ação Nacional substituí colegas do RAN e na primeira coleta, fui orientada pela Juliane Petry e Estevão Comitti, que me ensinaram a encontrar os anfíbios de córregos de Santa Catarina e de montanha,

até que encontrei um indivíduo jovem na serapilheira de *Brachycephalus*, o gênero dos menores sapinhos do Brasil! Detectar um adulto já é difícil na floresta! Acredito que essas experiências contribuíram para aumentar o envolvimento com os anfíbios, que não são apenas nomes em latim e coordenadas geográficas para mim!

*Quais foram as principais conquistas da sua carreira? Qual é o seu trabalho que considera mais importante?*

Poder contribuir por meio da compilação e tratamento de dados que subsidiem pesquisas no Brasil com anfíbios é a maior conquista e satisfação para quem tem Sistemas de Informação Geográfica como ferramenta de trabalho e, além disso, contribuir para a avaliação nacional das espécies de anfíbios, que gera a lista vermelha de espécies ameaçadas. Receber o prêmio Bertha Lutz do ASG foi um grande reconhecimento ao esforço de madrugadas adentro na atualização dos registros de ocorrência das espécies e em mapeamentos que melhor representem a distribuição das espécies e as ameaças aos ambientes em que ocorrem! Outro trabalho em que colaborei também foi reconhecido em premiação por ser o artigo mais acessado na SAJH, em primeiro lugar, em 2016, com a Izabela Barata como primeira autora. O título é “Downscaling the Gap: Protected Areas, Scientific Knowledge and the Conservation of Amphibian Species in Minas Gerais, Southeastern Brazil” e com ele temos percebido como o trabalho com análises de dados de ocorrência de anfíbios e áreas protegidas pode contribuir para direcionar pesquisas e ações de conservação.

*Quais foram os principais desafios? Ser mulher fez alguma diferença com relação a eles?*

Minha equipe no NGeo ao longo desses anos foi composta na maioria por mulheres, nossos integrantes homens sempre nos respeitaram e interagiram bem, mesmo esses colegas homens sendo usados como alvo para expressar as piadinhas misóginas para o resto da equipe feminina do dia a dia de outros setores. Os principais desafios eram relacionados a questões do governo federal e falta de recursos humanos para atingir as metas

do ICMBio de conservação, e ser mulher, trabalhando com equipe em que a maioria é mulher, acredito que fez a diferença no perfil multifuncional que o cérebro feminino proporciona e na quantidade de detalhes que a acurácia feminina detecta, tornando os desafios menos pesados.

*Que experiência, dica ou conselho você gostaria de passar para aqueles que estão começando a estudar os anfíbios, principalmente para as mulheres?*

Para quem está começando os campos para estudar os anfíbios saiba identificar os seus limites pessoais e físicos, e tente ir além deles aos poucos, em cada nova experiência. Procure lacunas no estudo dos anfíbios que possam te dar oportunidade de gerar dados inéditos e contribuir para avanços. Esteja atenta aos detalhes e bem equipada sempre, leia muito e converse muito com outras pesquisadoras, temos grandes guerreiras na área de herpetologia em geral no Brasil! Ser mulher e andar no brejo tem que ser tão comum quanto ser homem e andar no brejo... não espere um tratamento especial por você ser mulher, assim como não admita um tratamento inferior por ser mulher!



**Yeda Soares de Lucena Bataus**  
Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Répteis e Anfíbios – RAN/ICMBio



*Como foi o início da sua carreira e quais as principais motivações para trabalhar com os anfíbios?*

O início de minha carreira foi bem diferente de vocês membros da ASG, pois sou Engenheira Florestal, pela UnB!

Sou servidora pública federal desde 1986, inicialmente atuei na área de tecnologia da madeira, no Laboratório de Produtos Florestais do antigo IBDF. De 1992 a 2001, já mestre em Ecologia pela UFG, fui parecerista de autorizações para uso de material biológico relativos à herpetofauna, realizei pesquisas, orientações e conduzi ações de conservação com tartarugas, pelo antigo Centro Nacional dos Quelônios da Amazônia (Cenaqua/Ibama). Em 2001, o Cenaqua foi extinto e em seu lugar foi criado o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Répteis e Anfíbios (RAN/ICMBio), onde trabalho até hoje. Na verdade, não atuo exclusivamente com anfíbios, mas com certeza esse grupo da herpetofauna é o que mais demanda tempo de trabalho, principalmente pelo número de espécies que ocorrem no país e sua sensibilidade às mudanças ambientais e climáticas.

Ao longo dos anos, no RAN, orientei monografias, TCC, Bolsas PIBIC e supervisionei consultores PNUD e Bolsistas CNPq. Coordenei o setor de autorizações para coleta de material biológico referente à herpetofauna, coordenei o Plano de Ação Herpetofauna Insular e co-coordenei o Plano de Ação Paraíba do Sul e, por último, coordenei o 1º ciclo de avaliação do estado de Conservação dos Répteis e Anfíbios que ocorrem no Brasil.

Atualmente faço parte da equipe de Avaliação da Herpetofauna do RAN, sou Validadora do processo de Avaliação do Estado de Conservação da Biodiversidade no Brasil (ICMBio) e uma das editoras da revista Herpetologia Brasileira.

*Quais foram as principais conquistas da sua carreira? Qual é o seu trabalho que considera mais importante?*

Duas atuações me trazem uma sensação de que deixei alguma contribuição para a conservação da nossa biodiversidade, uma foi ter participado do processo de idealização e consolidação do Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade

(SISBIO) e, sem dúvida alguma, a que mais me marcou foi ter coordenado o 1º ciclo de avaliação da herpetofauna (2010 a 2014), foi uma jornada de construção, aprendizado, formação de parcerias e amizades que resultou em um trabalho de grande qualidade e importância para identificação de lacunas de conhecimento e para tomada de decisões voltadas à conservação da herpetofauna e seus habitat.

*Quais foram os principais desafios? Ser mulher fez alguma diferença com relação a eles?*

Ser mulher não fez diferença para alcançar meus objetivos, as dificuldades encontradas foram inerentes ao desenvolvimento de processos/atividades no serviço público, como recursos financeiros minguados, falta de pessoal, sair do planejamento, problemas de comunicação interna, mas tudo isso de alguma forma foi superado e os objetivos alcançados.

*Que experiência, dica ou conselho você gostaria de passar para aqueles que estão começando a estudar os anfíbios, principalmente para as mulheres?*

Percebe-se que há um número menor de mulheres profissionais atuando com esse grupo animal, cujo motivo eu desconheço. Para aquelas que estão começando a estudar os anfíbios, ressalto que há várias formas de atuação, pode ser no campo, no laboratório, em sala de aula, no escritório, tanto na iniciativa privada como na pública. São animais fascinantes, nem sempre belos, mas como diz o ditado “Quem amo o feio, bonito lhe parece”.

Outro dia ouvi uma palestra que falou sobre quais conhecimentos e competências são mais procurados em um profissional da área de ciências biológicas, gostei muito, pois bateu com o que venho observando no mercado de trabalho. Muitas vezes o que pesa na hora da escolha do candidato não é só seu conhecimento/ produtividade em determinadas áreas de formação acadêmica, mas sim sua competência/experiência em temas ou ações não ensinados nas universidades. A competência que se destacou no estudo apresentado na palestra foi em Gestão! Perfeito! Uma pessoa com habilidade e/ou experiência em gestão de projeto/processos vai

além daquelas que só possuem o conhecimento formal. Fica aí a dica!



**Vera Lucia Ferreira Luz**

*Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Répteis e Anfíbios – RAN/ICMBio*

*Como foi o Início de sua carreira e quais as principais motivações para trabalhar com anfíbios?*

Sou graduada em Medicina Veterinária pela Universidade Federal da Bahia, com mestrado em Ciência Animal pela Universidade Federal de Goiás. Atuo desde o início da minha vida profissional em projetos relacionados à conservação e manejo da vida silvestre. Na década de 80 atuei em projetos com primatas e na coordenação de resgate e aproveitamento científico de animais silvestres, provenientes das Usinas Hidrelétricas de Balbina, no Amazonas e a de Samuel, em Rondônia, pelo extinto IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal).

Com lotação no CENAQUA, (Centro Nacional dos Quelônios da Amazônia), criado em 1991, pelo IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), participei de grupos de trabalho com quelônios da Amazônia, coordenando projetos e programas de manejo deste grupo, relacionados à criação em cativeiro, e ao monitoramento

de sítios reprodutivos das espécies do gênero *Podocnemis*.

No ano de 2001, o CENAQUA foi transformado em RAN (Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Répteis e Anfíbios), aumentando sua abrangência taxonômica para toda herpetofauna brasileira, e, em 2007, passou a ser vinculado ao recém-criado ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), com a divisão do IBAMA.

Para executar a missão que nos foi delegada dentro das novas atribuições para os anfíbios e outros répteis, foi realizado em 2003, o Primeiro Fórum de discussões em Goiânia sobre as estratégias para conservação e manejo de anfíbios e répteis brasileiros, com a participação de especialistas nos diversos táxons, para definição de um planejamento que apontasse para as demandas emergenciais para conservação da herpetofauna brasileira.

Desde 2004, os Fóruns foram realizados durante os Congressos Brasileiros de Herpetologia, com o apoio da Sociedade Brasileira de Herpetologia, quando em 2009, foi dado o início ao processo de avaliação do estado de conservação da herpetofauna e definido os recortes para elaboração dos Planos de Ação voltados às espécies ameaçadas de extinção. Um dos resultados mais relevantes que pode ser considerado dessa iniciativa foi o estreitamento da relação entre o RAN e a comunidade científica, no estabelecimento de parcerias, e a definição de se ter metas claras para o direcionamento das ações e pesquisas em curso. Esta troca de informação entre a Academia e os técnicos deste Centro tem sido de vital importância para a manutenção da qualidade dos trabalhos desenvolvidos, convergindo esforços para delinear estratégias de conservação efetivas para os répteis e anfíbios brasileiros.

*Quais foram as principais conquistas da sua carreira? Qual é o seu trabalho que considera mais importante?*

Atualmente sou analista ambiental do ICMBio e estou desde 2009, como coordenadora do RAN/ICMBio. A Coordenação envolve quatro principais linhas de atuação: Avaliação do risco de extinção dos répteis e anfíbios, planejamento e execução de ações para conservação, pesquisa e monitoramento e gestão da informação, que

contribuem na aplicação de políticas públicas voltadas a conservação e manejo da herpetofauna. Das 116 espécies de répteis e anfíbios ameaçados de extinção, temos 41 anfíbios ameaçados, apontados pela Lista Nacional (Portaria 444/MMA/2014). Posso dizer que 100% de toda herpetofauna ameaçada está contemplada em oito Planos de Ação Nacional, conduzidos pelo RAN no período de 2010 a 2018, trabalho planejado e realizado com a sociedade interessada no compartilhamento de ações para conservação dessas espécies.

Considero que meu trabalho mais importante é coordenar um centro especializado, com atuação em todo território brasileiro, convergindo esforços de toda a sociedade científica da herpetologia. Isso para mim torna cada vez mais evidente a importância do RAN em continuar consolidando suas atividades nos diferentes ecossistemas brasileiros e proporcionar a geração e subsequente disponibilização de conhecimentos e informações subsidiando políticas públicas aplicadas à conservação dos répteis e anfíbios do Brasil.

*Quais foram os principais desafios? Ser mulher fez alguma diferença com relação a eles?*

Como coordenadora do RAN/ICMBio, tenho tido a oportunidade de superar muitos desafios próprios da minha missão institucional, liderar uma equipe de técnicos e pesquisadores, além de conjugar esforços com pesquisadores das diversas instituições brasileiras afins, com o objetivo de promover pesquisas e ações de conservação e manejo da herpetofauna em todo território nacional.

A diferença em ser mulher é a capacidade de ser multifuncional: ser profissional, dona de casa mãe e mulher. Ter maior sensibilidade para lidar com a equipe, contornar conflitos, trabalhar em equipe e buscar soluções.

*Que experiência, dica ou conselho você gostaria de passar para aqueles que estão começando a estudar os anfíbios, principalmente para as mulheres?*

Sinto-me lisonjeada em estar entre as 13 mulheres pesquisadoras brasileiras que trabalham com anfíbios. Receber o Prêmio Bertha Lutz representa o respeito a essa

pesquisadora no propósito de abrir espaço e ampliar direitos para as mulheres, tanto na conservação ambiental quanto na política brasileira. Ser lembrada por esse grupo de especialistas em anfíbios representa também a certeza que a nossa luta não tem sido em vão, e simboliza o reconhecimento de um trabalho árduo, compartilhado com a minha equipe do RAN e a parceiros da comunidade científica.

Isso aumenta a minha responsabilidade como gestora pública na busca de cada vez mais continuar essa integração, na implementação de ações para promover a conservação da herpetofauna e de seus ambientes. Enfatizo também a minha satisfação em ter no grupo do RAN/ICMBio três mulheres contempladas com o Prêmio Bertha Lutz, pela atuação nos processos relacionados à avaliação do estado de conservação da herpetofauna e à elaboração e implementação de Planos de Ação para os anfíbios ameaçados.

Quanto às jovens que tem pretensão em iniciar uma carreira no estudo de anfíbios, digo que essa tarefa vale a pena e é gratificante, por saber que esse grupo animal é bioindicador de qualidade ambiental, onde estando preservados, o homem está respeitando o meio ambiente, por isso a importância em preservá-los.



**Denise de Cerqueira Rossa Feres**  
UNESP – São José do Rio Preto



*Como foi o início da sua carreira e quais as principais motivações para trabalhar com os anfíbios?*

Eu sempre gostei de estar no mato: floresta, cerrado, campo. Então, quando comecei a pensar em estágio, procurei um orientador que fizesse trabalho de campo, e esse orientador (Prof. Dr. Jorge Jim) trabalhava com anfíbios. Logo na primeira saída a campo achei os sapinhos incríveis, cada espécie ter seu canto, a dificuldade para localizá-los a noite, isso me desafiou e eu adoro desafios. Além disso, o Prof. Jim era um filósofo nato e foi um grande mestre Zen. A sensibilidade dele em campo era espantosa! E era maravilhoso aprender tanta coisa sobre comportamento, evolução e filosofia da ciência com ele durante os trabalhos de campo.

Mas quando decidi fazer o mestrado, o Prof. Jim me encaminhou para o curso de Ecologia (minha formação na iniciação científica tinha sido em sistemática), e propôs que eu desenvolvesse um projeto com girinos, fiquei furiosa!! Sempre fui feminista e achei que isso era o maior machismo dele!

- Só porque sou mulher não podia trabalhar com sistemática?!!!
- Só porque sou mulher tinha que trabalhar com Ecologia?!!!
- Só porque sou mulher não podia trabalhar com adultos? Tinha que trabalhar com larvas?!!!

Entretanto, esse sentimento durou só até a primeira saída a campo para coletar girinos e só até a primeira aula no PPG Ecologia da UNICAMP. Só então percebi que não havia nada de machismo nessa orientação dele! Coletar girinos exige

força, vem muito detrito e vegetação na peneira que fica bem pesada. Andar dentro da lagoa, no sol da tarde ou no frio de Botucatu, atolando e peneirando, não tinha nada de machismo. E, na primeira aula na pós-graduação em Ecologia (do Prof. Woodruff Benson), eu entendi que era isso que eu queria fazer o resto da minha vida! O trabalho forte no campo, os girinos e a ecologia!

*Quais foram as principais conquistas da sua carreira? Qual é o seu trabalho que considera mais importante?*

Considero minha principal conquista a concepção, proposição e aprovação da proposta do PPG em Biologia Animal, na UNESP – Rio Preto. Esse PPG teve um desenvolvimento incrível, subindo de conceito a cada avaliação e, atualmente, temos a nota máxima (7) na CAPES. Esse PPG possibilitou maior união e um grande desenvolvimento do nosso Departamento e do Instituto e, principalmente, possibilitou uma carreira para muitos ex-alunos, hoje colegas em diversas Universidades do Brasil.

O trabalho mais importante é difícil. Considero tudo importante! Formar alunos na Graduação que, mesmo seguindo outras áreas, tivessem boa formação em ecologia, sempre foi prioridade! Mas destaco aqui a coordenação do Projeto SISBIOTA Girinos do Brasil, ao mesmo tempo um grande desafio (22 docentes de 15 Universidades de 11 estados brasileiros) e um imenso prazer! Esse edital foi uma proposta incrível, por possibilitar a formação de redes de pesquisa nacionais, e teria continuado e avançado com a institucionalização de bancos de dados validados e integrados. Isso seria um salto

qualitativo imenso para as pesquisas em biodiversidade no país. Não consigo qualificar a grande perda, o atraso que a ciência brasileira sofreu com essa crise política, que reduziu absurdamente as verbas para pesquisa e está desmontando o país.

*Quais foram os principais desafios? Ser mulher fez alguma diferença com relação a eles?*

Ser mulher fez pouca diferença. Só depois de muitos anos, percebi que não fui incluída em umas duas expedições científicas por ser mulher. Ser mãe fez diferença! Foi bastante difícil conciliar a carreira com a maternidade. Eu não pude ter licença maternidade, comecei a trabalhar quando minha filha tinha 16 dias de vida. Não havia creche na Universidade, nem qualquer outro tipo de apoio. Por isso, defendendo que deve haver apoio institucional para quando a mulher se torna mãe (biológica ou adotiva), inclusive isso deve ser considerado nos prazos de bolsa e financiamento a projetos.

*Que experiência, dica ou conselho você gostaria de passar para aqueles que estão começando a estudar os anfíbios, principalmente para as mulheres?*

Não acreditem em limites! Não há diferença entre homens e mulheres na capacidade e habilidade para trabalhos de campo, de laboratório, intelectual etc. As diferenças que existem são entre pessoas diferentes, não são relacionadas a sexo. Então, respeite sua vocação natural e faça o que lhe dá prazer. Nesses tempos tão conturbados e imprevisíveis, acredito que essa é a única garantia de ser feliz na profissão.



*Bokermannohyla ibitiguara. Serra da Canastra. Foto: Thais Guedes.*